Carolina Giudice Badari N.USP 10103275

Diário de Bordo – Oficina de Educação Pedagógica

Prof. Marcos Sorrentino

Piracicaba, 03 de Outubro de 2017, terça feira, 1a aula.

Sobre meu caminhar pelo mundo da Educação...

Mais do que o conjunto de experiências que vivi, o meu caminhar pelo mundo da educação é entrelaçado de perspectivas que me acompanharam nessas experiências. Perspectivas que mudam com o tempo e com a posição do meu olhar. Por isso vale ressaltar que o que escrevo, e também como e “por que” escrevo, deve-se a essa trajetória de perspectivas que me trouxeram até aqui.

Cedo, aos 17 anos, saí da pequena cidade de Joanópolis, onde passei minha infância, para estudar Agroecologia na UFSCar, em Araras. Muito antes já viajava todos os dias até as cidades vizinhas de Piracaia e Bragança Paulista, até a escola onde cursei o ensino fundamental e médio e a escola onde cursava inglês, respectivamente. Digo que viajava para ir até à escola, mas viajava mesmo para o encontro com a escola e com tudo que nela estava principalmente os professores, funcionários e colegas. Viajava para este encontro e para a interação responsável pela troca de saberes, pelo compartilhar das histórias de vida, pelo convívio com diferentes pessoas e o aprendizado advindo desse convívio, vezes simples e prazeroso, vezes complexo e desafiador. A viagem também proporcionava aprender com o caminho, curvas e paisagens da estrada, ora contornando a represa cheia d’água, ora contornando um filete de água, ora com as árvores dos morros floridas, ora com todas as folhas caídas, ora com neblina, ora com o as nuvens dançando no mais azul céu... Aprendia mesmo era com o observar de cada um desses detalhes, com a rotina de acordar mais cedo e de tentar me organizar com antecedência. Sei que muito do que sou é por conta dessa observação diária, aprender com a natureza continua sendo minha inspiração.

Por isso falo convicta: Não viajava somente para estudar. Afinal, estudar é uma atividade que pode se desenrolar também na solitude, em qualquer lugar com um pouco de silêncio e um bom livro. Mas o estímulo, as inspirações, os concelhos e compartilhamentos, isso sim com certeza têm um bocado daqueles que conosco convivem, dos caminhos pelos quais passamos e da velocidade e atenção do nosso olhar para reparar em cada detalhe. A viagem proporcionava a interação real. Em casa interagia com os autores, com os quais conversava em silêncio sobre suas obras e meus próprios pensamentos.

Esse espírito de viajante e aprendiz me acompanhou por todos os cantos e até hoje me guia pelos caminhos da vida.

Aos 17 anos passei no vestibular e mergulhei num novo mundo que cabia no curso de Agroecologia da UFSCar, em Araras. Somente depois de ingressar percebi a importância dessa escolha, vivenciando a mesma percebia pouco a pouco o campo plural, diversificado e complexo que me acolhia. Era um novo curso, com novos professores e uma abordagem também inovadora, mas como em todo curso, via muitos resquícios do modelo de educação cartesiana. Por outro lado, o contato com os professores era bastante grande, a união e o engajamento da classe também... Reuníamo-nos sempre, discutíamos questões chave da nossa futura profissão, realizávamos plenárias, criamos o Centro Acadêmico Ana Maria Primavesi (CAAMP), num momento em que os centros acadêmicos de todos os cursos eram inexistentes ou estavam adormecidos, fizemos eleições, festas, eventos, e em todos os momentos aproveitávamos e valorizávamos o “encontro”.

Durantes esses cinco intensos anos, busquei explorar (no sentindo de descobrir, vivenciar) sempre mais o universo do qual eu fazia parte, participando de projetos de extensão, grupos de estudo, iniciação científica. Aprofundei-me nos conhecimentos que me dariam suporte para a mudança em que eu acreditava e via ser necessária, e também passei por grandes mudanças por dentro e por fora. Em suma, assisti a estruturação de um novo curso e de corpo e alma fiz parte deste processo, construindo em mim mesma os pilares dessa escolha que foi o curso de graduação. Entre 2014 e 2015 tive a oportunidade de viajar para ainda mais longe, ir de encontro às origens dos meus avós e bisavós e ao mesmo tempo estudar sobre agricultura, florestas e paisagens além mar. Fiz um ano de intercâmbio na “dotta, grassa e rossa” Bologna, na Italiá, onde fica a mais antiga Universidade da Europa, “Alma Mater Studiorum” ou UniBo, fundada em 1088. Nessa viajem, expandi meus horizontes e minha forma de aprender. Naquele momento eu tinha a clara sensação de que absolutamente tudo, cada experiência, me ensinava... de que a Universidade além de me proporcionar o acesso ao conteúdo científico e acadêmico, me apresentava uma nova cultura, uma nova língua, novos amigos, interações e muito crescimento pessoal. Aprofundei-me ainda mais em mim, busquei compreender como me comunicava comigo mesma através da comunicação com o outro em outra língua, num novo mundo, inserida numa nova cultura. Voltei a levar comigo um velho amigo, um diário de bordo, ou como gosto de chamar, “meu caderninho de viajem”, com quem conversava quase sempre e quem me acompanha até hoje (mudando de capa, vestindo novas folhas...) nessa viajem tão fantástica que é a vida.

Ao retornar me vi ainda mais motivada para dar o próximo passo e, na esperança de dar continuidade à esse caminho de tantas descobertas, aprendizados e crescimento, optei pela escolha da “Pós-graduação”, iniciando o Mestrado em Recursos Florestais, pela Esalq (Escola pela qual já tinha grande afeição, onde realizei estágios, TCC, e havia feito grandes amigos) e é exatamente nesse ponto em que me encontro... Num caminhar interno de compreensão da Educação e do Ensino no seu sentido mais abrangente, observando experiências minhas e daqueles ao meu redor, buscando compartilhar sonhos e histórias de vida, superando desafios e trabalhando as diversas perspectivas.

Piracicaba, 05 de Outubro de 2017, quinta feira.

Reflexões sobre a 1a aula...

Procuro entender o que vivo através das sensações que provo em mim, acho que sempre foi assim. Desde que passei a me observar com mais cautela e um olhar mais delicado percebo que minha memória (responsável por armazenar e trazer a tona meus recursos pessoais e experiências), bem como a minha disposição para fazer qualquer algo (re-significando o que sei e projetando ao mundo essa minha perspectiva), estão intimamente atreladas às minhas emoções. Se me sinto confiante e segura, mesmo num ambiente desafiador e completamente novo, mergulho no “aprender”, observo atentamente, e me permito expressar. Expressando-me aprendo ainda mais, vejo através da minha dúvida ou do meu ponto de vista, aquilo que acabei de assimilar. Reviso-me e busco ao ouvir e ver o outro aprender ainda mais, com sua perspectiva e historia de vida (características sempre tão únicas).

Se, por outro lado, não vejo desafio ou sentido em algo, se não me mesclo ao ambiente em que estou, não há comunhão e não há processo de aprendizado, vejo minha mente e todo meu ser voando para outro canto, matutando em como poderia estar aproveitando aquele precioso tempo de outra forma, em questões filosóficas, na natureza de tudo, no som de fora, na gota caindo do telhado no chão, enfim, cada hora em algo... Além dos meus pessoais relatos, a neurociência explica essa relação entre aprendizagem e emoção através do fio cognitivo que une o observador ao objeto de observação, ao evento (resultados da pesquisa de Eich *et al.*, 1989; revisada e comentada por Barbas De Albuquerque *et al.*, 2000)... Mas por que escrevi tudo isso até aqui? Pois já que estamos falando de processos de aprendizagem, educação, sonhos e transformações, de pessoas e ambientes, do indivíduo e da estrutura (e como todos esses assuntos couberam nas 8 horas de aula/encontro de ontem), resolvi fazer de mim mesma um laboratório. Durante o dia inteiro experimentei um tanto de sensações, algumas delas eu consigo brevemente relatar aqui:

i) A primeira sensação do dia correspondia àquela de experimentar o novo, numa sala já antiga, mas com pessoas até então desconhecidas, provando uma abordagem diferente não somente na sua estrutura, mas também em seu contexto. Guiados pela fala mansa, serena e sábia do Professor Marcos Sorrentino, saímos das cadeiras e fomos para o chão, desafiados a criar ali nossa própria arte e a pensar através dessa criação no que observávamos e queríamos mudar dentro da universidade, nossa segunda casa. Nesse primeiro contato, com o chão, com a tinta, com as cores, com o papel de outro tamanho e com o tempo dedicado ao expressar-se, organizamos as ideias que brotavam livremente no papel.

“Universidade dos Sonhos” com caminhos que se cruzam e se multiplicam; interações frutíferas entre os estudantes, professores, funcionários, administradores e toda a sociedade; pluralidade social; diálogo e transparência; biodiversidade; contato com a natureza; contemplação da arte; discussão e resolução de problemas da sociedade; espaços de convívio coletivo, abertos e criativos; valorização de estratégias para o autoconhecimento, saúde e integridade mental e física ∞

ii) Após o momento de criação, muito pessoal e ainda pouco interativo, fomos desafiados a nos expressar, mostrar a nossa obra, as nossas ideias e opiniões, à todos aqueles que ainda não conhecíamos. Nosso primeiro contato com o outro foi repentino e expor-se fazia parte do contexto. Estávamos ali para falar de nós e ouvir o outro falando de si. Por um instante pensei que o semi círculo fosse permitir que nos apresentássemos de onde estávamos... Doce ilusão, levantar-se e mover-se fazia parte da proposta. Lembrei-me das últimas palestras em que assisti e como avaliava o jogo de cintura como característica tão ou mais necessária que a detenção do conhecimento em si. Sim, eu, espectadora, avaliava a apresentação e o apresentador... E não é assim? Se é, também serei avaliada. Na condição de apresentadores precisamos sublimar essa sensação a ponto que ela não nos prive de compartilhar o que sabemos, precisamos trabalhar a interpretação e o entendimento do conteúdo/conhecimento, mas principalmente, a forma como expressá-lo e recebe-lo. A forma com a qual nos expomos, dentre tantas sinúsias da nossa história de vida, tem a ver também com a postura que adotamos ao observar o outro. Nesse ponto refleti sobre a importância de olhar a si mesmo e o outro com compaixão, de forma crítica, mas compassiva.

iii) Durante a tarde, pós reflexos e reflexões, debatemos sobre as experiências educacionais que tivemos, um assunto puxando o outro, como uma teia de pensamentos dentro de um grande mar de ideias. Conversamos sobre os desafios da Pós-graduação e nossas percepções desse mundo. Sobre o que achamos saudável e o que percebemos ser “produtivismo”

iv) Após a conversa em roda, realizando a leitura coletiva dos textos de Miguel A. Zabalza e Jacques Marcovitch, argumentando sobre as ideias propostas pelos autores. Mas um plano além das ideias nos foi proposto: o de “Planejar”, o plano do projetar alguma utopia da nossa “Universidade dos Sonhos”, e os caminhos e modos de execução para a realização da mesma...

v) Por fim, deixamos nossas impressões da primeira aula e da disciplina através da proposta de avaliação continuada elaborada por Celetin Freinet. Escrevemos aquilo que desejávamos “felicitar, propor, criticar e perguntar” e pudemos, através do compartilhamento das diferentes impressões, fazer o balanço da aula e compreender os próximos passos.

O conjunto de todas essas impressões fez com que cada momento da Oficina me fosse gravado e mais, saísse saltitando da minha boca até meu apartamento aos ouvidos das minhas companheiras de casa, até as aulas de Yoga e a cada um dos praticantes que foram até lá, e sabe-se lá quem mais conseguisse ouvir ou ler meus pensamentos fervilhantes... Conversamos mais um tanto sobre o que sentíamos dentro e fora da universidade.

BARBAS DE ALBUQUERQUE, P. et al. Memória para acontecimentos emocionais: Contributos da psicologia cognitiva experimental. Revista Portuguesa Psicossomática de, v. 2, n. 2, p. 21–33, 2000.

EICH, E. et al. Mood Dependent Memory for Internal Versus External Events. v. 75, n. 3, p. 443–455, 1989.

Piracicaba, 09 de Outubro de 2017, segunda feira.

Fichamento do Cap. 3 – “Os Professores Universitários”, do Livro: O Ensino Universitário, de Zabalza

Neste capítulo, percebi minha visão mudando de posição, meus olhos de aluna passaram a ver como a figura do professor universitário, através da compreensão do seu papel, muitas vezes confuso, na universidade.

Zabalza divide em três dimensões o papel do Professor Univerisitário:

1. Dimensão Profissional (exigências, identidade profissional, dilemas do exercício profissional, necessidades de formação: inicial e permanente);
2. Dimensão Pessoal (ciclos de vida e situações pessoais que o afetam, fontes de satisfação e insatisfação no trabalho, a carreira profissional);
3. Dimensão Administrativa (condições contratuais, seleção e promoção, incentivos, etc.)

Na Dimensão Profissional, fica clara a ideia da identidade profissional indefinida: a maioria dos professores se identifica como especialistas, mas não como professores e priorizam o conhecimento sobre a especialidade e não sobre a docência.

Ao mesmo tempo, o professor é um transmissor de conhecimento ou “facilitador da aprendizagem”, faz-se importante manter uma visão profissional do compromisso com o ensinar. Parece obvio, mas não é, e as visões se dividem em:

Visão não profissional: “se aprende a ensinar ensinando”, na prática, sem planejamento ou plano de evolução;

Visão profissional: prática + atualização contínua, processo de formação; ou seja, prática profissional\* planejada, com avaliação do seu desenvolvimento e efetividade;

\*p.111 e p. 112, tópicos das exigências profissionais de um professor universitário.

Outro ponto que me chamou a atenção é relativo à massificação do conhecimento e às novas tecnologias de informação 🡪 enfraquecimento do contato “aluno-professor”. Exigindo do professor adaptações e flexibilidade\*\*

\*\*Características de um bom professor p.124 e p.125

Na dimensão pessoal: “Os professores ensinam tanto pelo que sabem como pelo que são”. Por isso a importância do (auto)reconhecimento do professor como ser humano em processo constante de transformação. Levando-se em conta:

Satisfação pessoal e profissional: melhoria na relação sujeito-trabalho p.133

Os desafios da carreira docente: produção e publicação

Família, ciclo de vida, etc.: Conhecimento + Sentimento.

Projetando as mudanças que queremos dentro da Universidade...

Quais passos iniciais podem ser dados para a construção da Universidade dos sonhos?

1. Planejamento: listagem de mudanças necessárias;
2. Co-criação e Corresponsabilidade: o que está ao meu alcance fazer? Como posso mobilizar a mudança que desejo ver acontecer?
3. Engajamento: União com outras pessoas, conversas, diferentes pontos de vista, construção e reconstrução de ideias: “brainstorm”.

Piracicaba, 19 de Outubro de 2017, quinta feira.

Reflexões sobre a segunda aula...

Na segunda aula no período da manhã, nos reunimos em grupo para conversar sobre os nossos fichamentos das leituras sugeridas e presenteadas pelo Prof. Marcos na primeira aula. Esse espaço de diálogo gerou uma troca, bastante rica, de ideias e impressões, e através dessa troca pudemos projetar os passos iniciais que imaginávamos serem necessários para a construção da “Universidade dos Sonhos”.

Infelizmente, tinha passado em claro a noite anterior devido a uma forte crise de Sinusite, a quarta ou quinta do ano e por isso não consegui aproveitar o momento da tarde e a ida à Câmara Municipal. Saindo da aula fui ao ambulatório da ESALQ, tomei injeções e entrei no antibiótico. Este momento também foi de grande reflexão sobre as prioridades da vida e a importância de mantermos a nossa saúde mental e física... Sobre como a vida acadêmica não nos permite um só dia de ausência, ou se permite, nos cobra a consciência logo em seguida. Refleti sobre a importância de valorizar cada momento e manter a equanimidade diante de todas as flutuações da vida, ser paciente e tolerante comigo mesma.

Neste instante, me sentindo melhor e mais disposta, debruço-me sobre minha qualificação, o desenvolvimento do Projeto da Universidade dos Sonhos, a leitura do livro “Processos de Ensinagem na Universidade” e outras obras.

Desenvolvimento do Projeto da Universidade dos Sonhos

Eu e a Tati unimos nossas ideias e complementamos os escritos através de e-mails e da plataforma compartilhada do GoogleDrive, combinamos de nos encontrar e pessoalmente lapidaremos o projeto. Compartilharemos com toda a turma na terceira aula e disponibilizaremos no Stoa.

Fichamento: Cap. 3 “Estratégias de Ensinagem”, do livro: Processos de Ensinagem na Universidade: Pressupostos para as estratégias de trabalho em aula, organizado por Léa das Graças Anastasiou e Leonir Pessate Alever.

p. 68 e 69 Conceito de Estratégia; Técnica e Dinâmica.

“Estratégia é a ‘arte’ de aplicar ou explorar os meios e condições favoráveis e disponíveis, com vista à consecução de objetivos específicos”, por isso 🡪 criatividade, percepção aguçada, vivência pessoal profunda e capacidade de pôr em prática uma ideia através do trabalho são ferramentas que alimentam uma estratégia. O professor deve ser um estrategista no sentido de propor as melhores ferramentas facilitadoras, visando, principalmente o “Processo” de aprendizado e não o Conteúdo.

Metodologia tradicional: Memorização do conteúdo 🡪 Visão cartesiana, ultrapassada.

Metodologia dialética: Desafio e desenvolvimento das operações mentais, vivências pessoais e renovação do pensamento 🡪 Ação de “Ensinagem”.

Ao invés de assistir, fazer aulas. Para isso: mudar a forma de “expor o conteúdo” e lidar com a adversidade, com a participação dos estudantes, sugerindo trabalho em duplas e grupos pequenos, com o objetivo de ampliarem-se quantitativa e qualitativamente, aprofundando a interação entre os estudantes.

*Trabalho em grupo*: i) aula expositiva dialógica: parceria entre professor e estudante; ii) prática social do aluno: síntese do conhecimento, significação, problematização, criticidade, práxis, continuidade e ruptura, historicidade e totalidade; iii) elaboração de mapa conceitual, estudo dirigido, lista de discussão e solução de problemas (duplas ou grupos); iv) clima de acolhimento no processo coletivo; v) trabalhos em grupo: segundo Osório 2003 p. 77, seu sucesso está ligado a inteligência relacional que abarca a inteligência intrapessoal (autoconhecimento e automotivação)e interpessoal (empatia e habilidades em relacionar-se) vi) interação, respeito, compartilhamento, habilidade em lidar com o outro, habilidade de *conversar* (abertura para mudar junto com o outro); vii) parceria entre os grupos e definição de papeis claros dentro dos grupos.

ESTRATÉGIAS

Estratégia 1 (p. 79): aula expositiva dialógica 🡪 *descrição* com exposição do conteúdo; *operações de pensamento* com organização de dados, realização de críticas, resumos, decisões; *dinâmica da atividade* com diálogo e interação com o aluno; *avaliação* através da participação do estudante, síntese da aula, entrega de perguntas, portifólio, etc.

Estratégia 2 (p.80): estudo de texto 🡪 *descrição* com estudo crítico de um autor ou texto; *operações de pensamento* com identificação e organização de dados, crítica, análise e resumo; *dinâmica da atividade* contexto do texto, análise textual, análise temática, análise interpretativa, problematização e síntese; *avaliação* produção escrita ou oral, tendo em vista as habilidades de compreensão, análise, síntese, julgamento, e conclusões.

Estratégia 3 (p.81): portifólio 🡪 *descrição* construção do registro, reflexões das produções prioritárias, identificação dos desafios e dificuldades e formas de superação;  *operações de pensamento* identificação e organização de dados, crítica, análise e resumo; *dinâmica da atividade* combinar formas de registro, identificação do material, orientações para formatação do trabalho, nomeação dos relatos, liberdade de anotações e produções, inclusão de avanços e dificuldades, leitura e comentários do professor – diálogo; *avaliação* através da definição conjunta do desempenho do estudante e do professor, os critérios de avaliação podem ser referentes à organização, clareza de ideias na produção escrita, objetividade na apresentação dos conceitos básicos, envolvimento e comprometimento com a aprendizagem.

Estratégia 4 (p. 82): Tempestade cerebral 🡪 *descrição* estímulo a novas ideias, deixando fluir a imaginação, sem certo ou errado; *operações de pensamento* criatividade, suposições e classificação; *dinâmica da atividade* expressar objetivamente as ideias referentes à problemática, evitar criticidade a ponto de excluir ideias, registrar e organizar as ideias, selecionar as mesmas conforme algum critério; *avaliação* através da apresentação de ideias no que concerne a criatividade, concisão, logicidade, aplicabilidade e pertinência.

Estratégia 5 (p. 83): Mapa conceitual 🡪 *descrição* construção de um diagrama que relacione conceitos em uma perspectiva bidimensional, hierarquizando os mesmos; *operações de pensamento* interpretação, classificação, crítica, organização de dados e resumo; *dinâmica da atividade* através de um conjunto de textos ou de dados o estudante deve identificar conceitos chaves, selecionar os mesmo segundo ordem de importância, estabelecer relações horizontais e cruzadas entre eles, compartilhar coletivamente os mapas comparando-os e complementando-os, verbalizar seu entendimento;  *avaliação* acompanhamento da construção do mapa, observando clareza, justificativa, riqueza de ideias, criatividade, organização e representatividade do conteúdo.

Além dessas, inúmeras outras estratégias são contempladas, as quais descreverei mais brevemente abaixo:

Estratégia 6 (p.84): Estudo dirigido 🡪 visa desenvolver a reflexão sobre conhecimentos ainda não incorporados, através da identificação das dificuldades dos estudantes ao longo do processo de construção do conhecimento.

Estratégia 7 (p.85): Lista de discussão por meios informatizados 🡪propõe o aprofundamento de objetos de estudo através do compartilhamento das discussões por multimídias e contatos informatizados.

Estratégia 8 (p.86): Solução de problemas 🡪 desenvolve a visão crítica frente à situações e dados da realidade (PBL), estratégia para vincular o estudante à área profissional de estudo.

Estratégia 9 (p.87): Philips 66 🡪 atividade grupal que discuti interesses e problemas do contexto dos estudantes: para salas numerosas, os estudantes são agrupados em números de 6 por 6 minutos e trabalham para levantamento e fechamento de questões: estímulo à objetividade.

Estratégia 10 (p.88): Grupo de verbalização e de observação (GV/GO) 🡪 organizados em dois círculos, um interno e outro externo. 1° O grupo interno verbaliza GV e o grupo externo ouve e executa outras tarefas GO, por fim o GO oferece sua contribuição. Funciona melhor para turmas grandes, utilizadas no momento da síntese de um assunto, pois exige inúmeras operações do pensamento incluindo um grande embasamento teórico e organiza.

Estratégia 11 (p.89): Dramatização 🡪 representação teatral, promove empatia ou “imaginar-se no lugar do outro”, desenvolve criatividade e desinibição e liberdade de expressão, o tema pode ser escolhido pelos estudantes ou pelo professor.

Estratégia 12 (p.90): Seminário 🡪 apresentação de trabalhos em grupos, os estudantes devem se organizar internamente para expor o assunto proposto.

Estratégia 13 (p.91): Estudo de caso 🡪 visa a solução de problemas, unindo a teoria à pratica, preparando o estudante para a realidade profissional.

Estratégia 14 (p.92): Júri simulado 🡪 os grupos ou a sala são divididos em promotoria e defesa para debater um determinado tema polarizado, os estudantes devem argumentar e defender ideias, sua preparação é de intensa mobilização e mostra a polarização de todos os temas de acordo com os interesses envolvidos.

Estratégia 15 (p.93): Simpósio 🡪 reunião de palestras apresentadas por várias pessoas, enquanto um grupo apresenta, outro grupo anota dúvidas e realiza questionamentos. Existe aqui um envolvimento de toda a turma e um estímulo aos estudantes prestarem mais atenção, observarem criticamente as apresentações e melhorarem a exposição de seus temas.

Estratégia 16 (p.94): Painel 🡪 discussão informal sobre um tema, realizada em semicírculo.

Estratégia 17 (p.95): Fórum 🡪 reunião dividida em grupos e funções dos participantes (coordenador, grupo síntese e público participante com um limite de fala). O fórum é dinâmico e exige intensa participação e preparo prévio de todos.

Estratégia 18 (p.96): Oficina 🡪 reunião de um pequeno grupo com interesses comuns, vários meios de comunicação podem ser utilizados e há uma grande abertura quanto ao meio de exposição das ideias entorno do tema discutido.

Estratégia 19 (p.97): Estudo do meio 🡪 revisão e reflexão sobre os dados que fundamentam o objeto de estudo que é, no caso, o contexto natural e social no qual o estudante está inserido. Existe aqui um grande contato com a realidade e o estudo é planejado, executado e apresentado em grupos, após ampla discussão interna.

Estratégia 20 (p.98): Ensino com pesquisa 🡪 Desafia o estudante como investigador, instiga o estabelecimento de princípios para a construção do projeto, envolvendo definição do problema de pesquisa, dos dados a serem coletados e das análises dos dados, interpretação das suposições, apresentação dos resultados e revisões. Nesta estratégia os estudantes desenvolvem autonomia, responsabilidade, disciplina e organização do tempo. Envolve conhecimento prévio, uma pergunta clara e uma metodologia apropriada para a condução da investigação.

O acesso a todas essas estratégias foi inspirador. Durante a graduação estive exposta a algumas dessas estratégias, como PBL, Ensino com pesquisa, Estudo de caso, Oficinas, Simpósios, Seminários, mas as aulas eram geralmente expositivas. Em suma, este capítulo me expandiu ainda mais minha forma de pensar a organização de uma aula e a forma de conduzir discussões sobre um ou mais temas.